

Bartleby, o escrivão: Uma história de Wall Street



Por **AFRÂNIO CATANI***

Comentário sobre o livro de Herman Melville

Herman Melville (1819-1891) ficou conhecido como autor de *Moby Dick*, ou *a Baleia Branca*, surgido em 1851. Por mais romances, novelas e contos que tenha escrito, qualquer pessoa hoje se lembra apenas de seu livro sobre a enorme baleia assassina, que virou inclusive filme dirigido por John Huston (1956), com Gregory Peck no papel do terrível e obstinado capitão Ahab.

Nascido em agosto de 1819 em Nova York, Melville embarcou aos 18 anos, como camareiro, num navio cujo destino era a Inglaterra. Aos 22, engajou-se na tripulação de um baleeiro para uma viagem de quatro anos pelos mares do Pacífico, tendo desertado ao fim de um ano e meio em protesto contra o tratamento desumano a que o capitão submetia seus tripulantes. Logo em seguida, nas ilhas Marquesas, foi capturado por canibais, que o obrigaram a quatro meses de trabalhos forçados.

Esta terrível experiência forneceu o tema de seu primeiro livro, *Typee, uma olhada na vida Polinésia ou quatro meses de permanência num Vale das Marquesas* (1846). No ano seguinte publicou *Ommoo, uma narrativa de aventuras nos Mares do Sul* e, no mesmo ano de 1851, *Moby Dick* e *Túnica branca ou o mundo num homem-de-guerra*. Estranhamente, *Moby Dick* foi ignorado ou mal-compreendido pela crítica e pelos leitores, começando sua popularidade a declinar.

Em 1853 lançou o romance *Pierre*, “pessimista e trágico”, que fez com que ficasse ainda mais esquecido. Tanto é assim que Melville não conseguiu estabilidade econômica para prosseguir a sua obra, tendo sido forçado a escrever “romances seriados”, novelas e contos para revistas da época. Daí a queda da qualidade das obras que se seguiram: o romance *Israle Potter* e as histórias reunidas no livro *Piazza Tales* (cf. apresentação de Sabino). Depois disso, outra obra sem importância (1856), tendo Melville deixado de escrever por longos anos, terminando seu último romance, *Billy Budd* (só publicado em 1924 e considerado seu melhor trabalho depois de *Moby Dick*), pouco antes de morrer.

Bartleby, o escrivão: Uma história de Wall Street é uma novela sintética, em que a linguagem se adequa admiravelmente ao espírito do velho narrador da história de Bartleby, um competente advogado de mais ou menos 60 anos que mantinha movimentado escritório em Wall Street com o auxílio de três empregados (dois escriturários e um mensageiro) antes da chegada do personagem que dá título à novela.

A atividade original do escritório – “o notariado, a cobrança de títulos e transcrições e cópia de documentos de toda a espécie” – aumentou bastante, depois que seu proprietário foi nomeado para um rendoso cargo, o de conselheiro do tribunal da Chancelaria do Estado de Nova York. Assim, foi necessário se valer de outro copista, tendo Bartleby sido contratado. O novo empregado não parava para almoçar e se alimentava de alguns *Spitzenbergs*, bolinhos de gengibre e maçãs vendidos nos botecos próximos da Alfândega e dos Correios à razão de seis ou oito *penny*. Sem querer contar tudo e estragar o prazer do leitor, posso apenas afirmar que as coisas corriam bem no escritório até o momento em que Bartleby responde com um “prefiro não fazer”, o primeiro de uma longa série, ao recusar-se a conferir com seu patrão cópias que acabara de realizar.

A partir desse evento, a novela se desenvolve num ritmo em que o absurdo vai dando o tom, estando Bartleby próximo de personagens de Kafka, em que uma das partes envolvidas (que se guia por parâmetros lógicos, normalmente aceitos pela sociedade) não acompanha o “delírio” da outra – constituída geralmente por minorias ou indivíduos isolados.

Borges tem opinião semelhante, ao escrever sobre a novela que “seu desconcertante protagonista é um homem obscuro que se nega tenazmente a ação. O autor não o explica, porém nessa imaginação o aceita imediatamente e não sem muita lástima. Na realidade são dois os protagonistas: o obstinado Bartleby e o narrador que se resigna à sua obstinação e acaba por afeiçoar-se a ele”.^[1]

Bartleby caminha a passos largos em sua abolia e crescente alienação. Para Fernando Sabino, ele vem a ser “uma verdadeira antevisão do homem robotizado do nosso tempo, o pobre-diabo esmagado pelas condições desumanas da vida em sociedade, cujo destino final é mesmo o hospício”.

Em 1953, Luis de Lima, o primeiro tradutor de *Bartleby* (Rocco), por indicação de Vinícius de Moraes, concebeu, dirigiu e interpretou em São Paulo e no Rio de Janeiro (1956) um drama de mímica baseado nessa novela. Foi, ao que consta o primeiro espetáculo dramático sem recorrer ao uso da palavra realizado na América Latina. Personagem de gestos contidos, quase-mudo, sem nunca tomar a iniciativa do diálogo e recusando gradativamente as tarefas que lhe são designadas, Bartleby chega a provocar cenas engraçadas (e dramáticas).

Alem disso, Melville descreve, com maestria e humor, os colegas de trabalho de Bartleby: o velho Turkey (peru); o jovem Nippers (torquês) e o garoto Ginger Nut (noz de gengibre). Talvez obra menor de Melville, porém escrita de forma excelente, deverá despertar no leitor o apetite pelos outros livros do autor.

Borges acrescenta que Melville, amante da Bíblia calvinista e amigo de Nathaniel Hawthorne, “morreu quase esquecido, em Nova York, em 1891”.

***Afrânio Catani** é professor aposentado da USP e professor visitante na UFF.

Referência

Herman Melville. *Bartleby, o escrivão: Uma história de Wall Street*. Tradução: Irene Hirsch. Posfácio: Modesto Carone. São Paulo, Ubu.

Nota

[1] Borges faz os seguintes juízos acerca de dois outros livros de Melville: “*Billy Budd* pode resumir-se como a história de um conflito entre a justiça e a lei, mas esse resumo é (...) menos importante que o caráter do herói que matou um homem e não compreende até o fim por que o julgam e o condenam” (p.52); “*Benito Cereno* [1855] continua suscitando polêmicas. Há quem o considere a obra mestra de Melville e uma das maiores da literatura. Há quem a considere um erro ou uma série de erros. Há quem tenha sugerido que Herman Melville se propôs a escrever um texto deliberadamente inexplicável que se constituía em um símbolo cabal deste mundo também inexplicável” In: BORGES, Jorge Luis. “Herman Melville: Benito Cereno, Billy Budd, Bartleby, el escribiente”. In: *Biblioteca Personal*. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p. 50-52.